

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUÍS RICARDO REIS DE ÁVILA

**TERRITÓRIO, PAISAGEM E IDENTIDADE DOS BLOCOS E QG'S DE CARNAVAL
DO BAIRRO DO PASSO – SÃO BORJA(RS)**

SÃO BORJA

2022

LUÍS RICARDO REIS DE ÁVILA

**TERRITÓRIO, PAISAGEM E IDENTIDADE DOS BLOCOS E QG'S DE
CARNAVAL
DO BAIRRO DO PASSO -SÃO BORJA(RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas- Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientadora: Nola Patrícia Gamalho

SÃO BORJA

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Á953t Ávila, Luís Ricardo Reis de
Território, paisagem e identidade dos blocos e QG's de
Carnaval do Bairro do Passo - São Borja(RS) / Luís Ricardo
Reis de Ávila.
42 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS, 2022.
"Orientação: Nola Patrícia Gamalho".

1. Carnaval. 2. Território. 3. Paisagem. 4. Identidade. I.
Título.

LUÍS RICARDO REIS DE ÁVILA

TERRITÓRIO, PAISAGEM E IDENTIDADE DOS BLOCOS E QG'S DE CARNAVAL DO BAIRRO DO PASSO – SÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas- Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

O Trabalho de Conclusão de curso foi defendido e aprovado em: 22 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Nola Patrícia Gamalho
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Carmen Regina Dorneles Nogueira
(UNIPAMPA)

Profa. Andréa Becker Narvaes

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ANDREA BECKER NARVAES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **NOLA PATRICIA GAMALHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 07:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA DORNELES NOGUEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 08:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0759078** e o código CRC **2BA58B7C**.

Dedico este trabalho à João, Marli,
Alexandre e Almerinda.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Agradeço aos meus amáveis pais João e Marli os quais que nunca mediram esforços para me incentivar a estudar, a me criar e ensinar a como ser uma pessoa do bem, a fazer o bem sem distinção, por serem a base de tudo nesse plano terreno e ao meu irmão que sempre que possível foi alguém cujo eu poderia confiar que saiba também que sempre terá tudo de mim possível, te amo mano! Quero também agradecer a uma pessoa que não se encontra entre nós, minha vó Almerinda que teve papel fundamental na minha vida e sempre me guiou pelos caminhos bons.

A Prof. Dra. Nola Patrícia Gamalho, ou Prof. Nola, minha orientadora, a qual não consigo encontrar palavras para dizer o quanto fostes importante nessa trajetória, que sem seus conselhos, sua ajuda, sua cobrança e atenção eu não teria conseguido chegar até onde cheguei, e aqui quero dizer que além de agradecer quero que saibas, que você professora se tornou um exemplo, o qual quero seguir, pois nos momentos mais difíceis, sempre esteve ali me apoiando, doando um pouco do seu tempo para orientar este que vos fala.

Também às professoras Andréa Becker Narvaes e Carmen Regina Dorneles Nogueira duas pessoas, que ao longo do curso sempre estiveram presentes e disponíveis em nossos momentos de dúvidas para nos ajudar. Aos demais professores que também fizeram parte dessa jornada, meu muito obrigado.

A todos os colegas de curso, obrigado por dividir comigo cada momento dessa caminhada, desejo-lhes todo o sucesso e luz desse mundo.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O carnaval é uma festa que adquire características plurais e forte identidade brasileira. Tem diversas expressões sociais e territoriais em todo território nacional. Neste trabalho, busca-se compreender o carnaval na cidade de São Borja, mais especificamente os blocos e QG's. Para tanto, optou-se por observar essas manifestações a partir dos recursos conceituais de território, paisagem e identidade. Para tal, foi realizada uma revisão conceitual sobre o Carnaval, território, paisagem e identidade, assim como, o trabalho de campo e entrevistas com blocos e QG's. Este trabalho apresenta a história dessa festa, as diferentes formas em que ela é festejada, seja sudeste ou no nordeste do país. Busca a aproximação da teoria com a realidade. A análise evidencia que o Carnaval da cidade de São Borja constitui uma prática de identidade e territorialidade de grupos sociais, cuja manifestação se dá na paisagem, nas ruas pintadas, na paisagem sonora e nos corpos dos foliões. Logo, demonstra a riqueza dessa manifestação cultural no município.

Palavras-Chave: território, paisagem, identidade, bloco de carnaval, QG, carnaval.

ABSTRACT

Carnival is a party that acquires plural characteristics and a strong Brazilian identity. It has several social and territorial expressions throughout the national territory. In this work, we seek to understand the carnival in the city of São Borja, more specifically the blocks and HQ's. Therefore, we chose to observe these manifestations from the conceptual resources of territory, landscape and identity. For As such, a conceptual review was carried out on Carnival, territory, landscape and identity, as well as fieldwork and interviews with blocks and HQ's. This work presents the history of this festival, the different ways in which it is celebrated, whether in the southeast or northeast of the country. It seeks to bring theory closer to reality. The analysis shows that the Carnival of São Borja city is a practice of identity and territoriality of social groups, whose manifestation takes place in the landscape, in the painted streets, in the soundscape and in the bodies of revelers. Therefore, it demonstrates the richness of this cultural manifestation in the municipality.

Keywords: territory, landscape, identity, carnival block, HQ, carnival.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia de pintura de rua próximo ao QG do bloco Tá na Mira.....	35
Figura 2 – Fotografia de pinturas de blocos de carnaval, nas ruas do centro da cidade, nas proximidades do Clube Comercial.....	36
Figura 3 – Fotografia de pintura das ruas próximas ao Clube Comercial.....	36
Figura 4 – Fotografia do QG do bloco Águias da Esperança.....	37
Figura 5 – Fotografia da frente do antigo QG do bloco Águias da Esperança.....	37
Figura 6 – Fotografia Estandarte do bloco Águias da Esperança.....	38
Figura 7 – Fotografia Bandeira do bloco Tá na Mira.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SURGIMENTO DO CARNAVAL	14
2.1 CARNAVAL NO BRASIL	15
2.2 OS DIFERENTES CARNAVAIS	18
2.3 CARNAVAL EM SÃO BORJA	20
3 METODOLOGIA	22
4 CARNAVAL- PAISAGEM, TERRITÓRIO E IDENTIDADE	25
4.1 PAISAGEM	25
4.2 TERRITORIO	26
4.3 IDENTIDADE	29
5 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
5.1 OS GTS EM SÃO BORJA	32
5.2 BLOCOS E QG'S	33
5.3 ANÁLISE DOS DADOS	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O carnaval é uma festa conhecida mundialmente, e umas das principais manifestações culturais do nosso país. Diante disto, em meio a confetes, serpentinas e muita música, estão os principais atores dessa grande festa: pessoas de todas as partes, de todas as idades, de todas classes e de todas as cores aglomeradas para celebrar esta festa e, em São Borja, nos seus blocos e em seus QG's.

A grande área de estudo das Ciências Humanas, nos proporciona meios de estudar não só a festa e seus atores, mas também os espaços utilizados bem como seus significados. A escolha do tema foi feita a partir de uma aspiração particular, pois o carnaval sempre esteve presente na minha vida desde os doze anos de idade, sendo membro proativo nos blocos de carnaval os quais passei, em segundo lugar, pela curiosidade de saber o quão longe podemos ir com os estudos das ciências humanas e, por fim, pela necessidade de aproximar a teoria da realidade nos mais variados campos de estudo desta ciência.

O problema central dessa pesquisa é identificar como se dá a relação de território, paisagem e identidade, que são conceitos que sustentam a análise do problema, e os blocos e QG's de carnaval do bairro do Passo, trazendo a teoria para junto da realidade. Este trabalho tem como objetivo principal, analisar as transformações do espaço geográfico a partir das ações e influências que os blocos e QG's exercem sobre determinado lugar e pessoas.

Para tal estudo buscou-se embasamento bibliográfico de autores e estudiosos da Ciências Humanas e do próprio carnaval como Santos (2008), Araújo (2003), Da Matta (1997), Silva (2014), Moraes (1987), Souza (2015) entre outros, que contribuíram para a elaboração e realização da pesquisa. Além da pesquisa bibliográfica o trabalho contou ainda com a pesquisa de campo, sendo feitas entrevistas com dois blocos do bairro, os Águias da Esperança e bloco Tá na Mira, para que assim pudéssemos fazer a análise e chegar a um resultado desejado.

O trabalho a seguir apresenta-se organizado com a seguinte estrutura: 1- Introdução, 2-Pesquisa bibliográfica acerca do tema, 3-Apresentação das metodologias utilizadas, 4-Referencial teórico, 5-análise dos dados obtidos a partir do referencial teórico e da pesquisa de campo e por fim 6-Considerações finais.

2 SURGIMENTO DO CARNAVAL

As festas populares desempenham um papel fundamental na formação das sociedades pelo mundo, desde a afirmação de identidade, interações sociais indo até a diluição das diferenças de classe, gênero, cor. Existem pelo mundo diferentes comemorações que levam a este resultado, entre elas, o carnaval, que desde a antiguidade cria uma alteração social durante seu acontecimento.

Levando o carnaval como referência, pois nele era onde as pessoas assumiam papéis dicotômicos dentro da estrutura social que prevalecia na época, como exemplo, os escravizados que se fantasiavam como seus senhores e assumiam seu papel durante a festa, e mais recentemente a inversão dos papéis por meio de fantasias e máscaras em que homens e mulheres assumem o papel do gênero oposto.

A festas populares tiveram seu início muito mais cedo do que as pessoas pensam. Ao contrário do que as pessoas pensam, o Brasil não é o berço do carnaval, essa festa começou muito antes. A origem do carnaval, assim como outras festas populares, sucede de um mesmo princípio: a celebração de alguém, algo ou um acontecimento. De acordo Ferreira (2004), duas correntes etimológicas trazem a explicação da origem da palavra “carnaval”: a primeira refere-se às festas em homenagem a deuses antigos e a outra uma exigência doutrinária da Igreja Católica. A exemplo, temos o estudo de Araújo (2003), que diz que a origem do carnaval está associada às Saturnais romanas, festas pagãs em glória ao deus Saturno, em que um prisioneiro e escravos assumiam a posições como homens livres como rei por um curto período de tempo, agindo como tal. Entretanto, segundo Heers (1987), tratando da origem do carnaval na Era Cristã, isso há mais ou menos 500 d. C., tem-se sua associação às festividades dionisíacas ou bacanaís, festas que eram realizadas na Roma antiga aos Deuses Dionísio ou Baco que eram deuses do vinho.

Com o tempo carnaval ganhou também um viés profano e sagrado, pois dentro suas origens, referentes a cristã, tem-se o período da quaresma¹, momento em que todos os as pessoas religiosas deveriam se dedicar a temperança, a moderação, a castidade e a austeridade. Como resultado, o período imediatamente anterior à quaresma tornou-se um momento no qual se permitia os excessos, exageros e

¹ Quaresma é a designação do período de quarenta dias que antecedem a principal celebração do cristianismo: a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo, que é comemorada no domingo. É uma prática presente na vida dos cristãos desde o século IV.

inversões sociais para “compensar” o longo período de abstinência vindouro. Este período de abstinência é rigorosamente imposto pela Igreja Católica Apostólica Romana, e que ninguém ousava questionar, foi chamado pelo povo de “adeus à carne” ou em italiano “*carnevale*” (FERREIRA, 2004).

Dentre as múltiplas capacidades de escolha e de formas de como festejar o carnaval, uma das mais escolhidas era o anonimato possibilitado pelas máscaras, assim as pessoas podiam esconder ou trocar sua identidade, e como resultado tinham maior liberdade para se divertir, ao mesmo tempo que podiam ter novas características ou funções diferentes de sua realidade diária: pobres eram ricos, homens eram mulheres, e por aí uma infinidade de possibilidades, o que acontece até hoje nas festas de carnaval. Foi em Veneza que o carnaval assumiu essa postura mais anônima, pois a elite queria estar e desfrutar da festa em meio ao povo, assim sua identidade e posição social estariam seguras.

Tomando a Europa como referência, em meados do século XIX, o carnaval se tornou uma festa da burguesia europeia, em especial da cidade de Paris, onde tinha grandes bailes frequentados por pessoas da alta sociedade parisiense, e por este motivo, acabou se transformando em bailes oficiais da burguesia, excluindo do carnaval e da sociedade quem não os frequentava, ou seja, os pobres. Este modelo de carnaval foi disseminado para a elite burguesa de outros países europeus, entre eles Portugal, de onde absorvemos grande parte de nossa “bagagem cultural”.

2.1 CARNAVAL NO BRASIL

Chegaram ao Brasil, vindos de Portugal, o Entrudo e o Zé Pereira.

Diz a lenda que em 1846, um português chamado José Nogueira de Azevedo Paredes saiu à rua, numa segunda-feira de carnaval, de calção, suspensório e um imenso bigode portando um bumbo conhecido em certas localidades de Portugal como “Zé Pereira”. Estava criado o “Zé Pereira”, que logo formou grupos de foliões a desfilarem, sob pancadas nos instrumentos espalhados pela cidade. (ARAUJO, 2012, p.24).

O samba veio da África e os Bailes de máscaras da Europa como um todo. Juntos formaram os elementos sementes do carnaval brasileiro.

O Carnaval é hoje, pela população, considerado uma "festa tradicional" no Brasil, e ao longo do século XX, construiu uma imagem de uma "festa nacional", indisciplinada, de excessos e loucuras, capaz de quebrar hierarquias e diferenças

sociais. Tomou tamanha importância que acabou quase por completo a memória da sociedade brasileira de outra festa igualmente popular, que por três séculos fez parte, juntamente com outras manifestações festivas, que compunham o repertório cultural brasileiro: o entrudo.

O Entrudo é brincadeira carnavalesca trazida pelos portugueses, que consistia no ato de jogar água, farinha, ovos, pó de mico, balões cheios de vinagre, podendo ser também urina ou sêmen, uns nos outros. O objetivo era sujar e/ou molhar pessoas que passavam pelos foliões, e tinha como atores os escravos e a população de rua. Com o tempo, logo se tornou uma brincadeira violenta e foi proibida. No entanto, somente desapareceu no início do século XX, que foi quando se popularizou o festejo a partir do confete e serpentina.

Essa festa, o Entrudo, teve papel fundamental para o surgimento dos bailes de carnaval, incentivando assim a criação de festas em locais fechados para a diversão dita “civilizada”. Na família da marquesa de Belas eram realizados os bailes mais famosos, porém só em 1840, os bailes de carnaval têm sua primeira edição aberta ao público, sendo realizado no Hotel Itália, inspirados nos gloriosos bailes de máscaras da Europa, fazendo sucesso estrondoso e ampliando para casas de festa que aderiram à promoção e realização de seus próprios bailes. (SEBE, 1986)

Com o decorrente crescimento do Carnaval do Brasil, o evento foi ganhando mais organização, começavam a surgir desfiles em que os clubes e agremiações competiam. Com isso, houve a necessidade da criação de um órgão para regular essas competições, esses eventos. Assim foi criado o Congresso das Sumidades Carnavalescas, que era basicamente um desfile de curso, com mais ou menos dez carros, com artistas, intelectuais e membros da elite carioca, no centro da cidade.

O Zé Pereira foi por muito tempo um símbolo do carnaval carioca, surgiu entre 1846 e 1850. José Nogueira de Azevedo Paredes reuniu seus amigos e saiu desfilando com tambores e bombos. Os participantes trocaram seu nome por José Pereira, assim deu-se seu surgimento.

Segundo Araújo em seu livro, *A Cartilhas Das Escolas De Samba*:

Sair à rua com bombos e tambores, uma camisa qualquer, uma calça de brim e fazer barulho, alegrar com ritmo ruas e bairros, rindo e divertindo os outros, na medida em que também se divertia, com o tumulto de um ruído que não é música, mas que proclama a alegria e conclama os foliões os devaneios e loucuras carnavalescas, é a forma mais original de brincar, de participar do envolvente acontecimento, onde todos se igualam para um único objetivo – o

de esquecer as amarguras do dia-a-dia.(ARAUJO, 2012, p. 24)

Acusada por ultrapassar os limites da legalidade, a brincadeira foi proibida, mas não antes de deixar seu legado como precursor das baterias de samba bem como seus sucessores: a cuica, tamborim, o reco-reco, pandeiro e a frigideira que até hoje se fazem presentes nas baterias das escolas de samba. A seguir temos a evolução do Zé Pereira: surgem os Cordões Carnavalescos, por volta de 1870. Formado por grupos de foliões mascarados e fantasiados que eram puxados por um mestre. Segundo Efé, em seu livro, *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e Objetos celebrados*;

Seu primeiro desfile na Festa dos Cordões de 1908, organizado segundo o enredo–corte egípcia–foi surpreendente. A figura do artista profissional contratado para conceber o desfile ou parte dele a partir de um enredo–o que hoje se chama carnavalesco–foi uma das inovações que apareceram logo no início. (FERNANDES, 2001, p.35)

Tem-se também o surgimento dos ranchos no Rio de Janeiro, por volta de 1872. Eram grupos carnavalescos compostos de negros e pobres. Seus desfiles tinham a forma de cortejos, com reis e rainhas, porta-estandarte e mestre-sala, canto e harmonia e instrumentos de corda e sopro, que embalavam os foliões ao ritmo mais lento da marcha rancho, tinham também abre alas, comissão de frente, figurantes e alegorias.

O samba, peça fundamental dessa grandiosa festa, é originário dos batuques, trazidos pelos africanos que vieram para o Brasil, a fim de servirem como escravizados. É considerado por muitos críticos, estudiosos e artistas, como o ritmo musical mais autenticamente brasileiro, que conseqüentemente, foi assimilando elementos de outros tipos de músicas, no Rio de Janeiro do século XIX.

A cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, foi capital do Império e recebia uma grande leva de negros de todo o Brasil, inclusive da Bahia. Daí então o surgimento das reuniões em torno das religiões iorubás, assim nascendo as primeiras rodas de samba, que misturavam elementos de batuque africano, polca e maxixe.

Uma das possíveis origens, segundo Nei Lopes, seria a etnia quioco, na qual *samba* significa cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito. Há quem diga que vem do banto *semba*, como o significado de umbigo ou coração. Parecia aplicar-se a danças nupciais de Angola caracterizadas pela umbigada, em uma espécie de ritual de fertilidade. Na Bahia surge a modalidade *samba de roda*, em que homens tocam e só as mulheres

dançam, uma de cada vez. Há outras versões, menos rígidas, em que um casal ocupa o centro da roda. (ALVITO,2013. p. 80).

No início do século XX, os espaços que eram chamados de terreiros, lugares de encontro e celebração dos indivíduos dos guetos, era onde os escravizados e libertos dançavam e cantavam seu samba livre e com referências de suas ancestralidades. Nesse lugar onde se praticava o samba, que se chamava samba de terreiro, era onde cantava a experiência de vida, lutas, o amor e a natureza. Também praticavam o partido alto, nascido de batucadas, onde o grupo marcava o compasso com batidas das palmas da mão, entoando versos que compunham o refrão.

2.2 OS DIFERENTES CARNAVAIS

O Brasil é um país gigantesco, multicultural e com diferenças regionais, nesse sentido, quando falamos de carnaval, cada região tem sua particularidade. Podemos dizer que existe o carnaval, nordestino, baiano, carioca, paulista, gaúcho.

Quando nos referimos ao carnaval nordestino, automaticamente pensamos na festa de Recife, Olinda e Salvador, que são grandes destaques do carnaval nacional. Em Recife, por exemplo, o carnaval foi elaborado pelas elites urbanas afim de eliminar o Entrudo das diversões momescas, inspirados nos festejos grandiosos de Veneza, Roma e Paris. Deveria ser “o carnaval”, um belo espetáculo. As máscaras eram detalhes elaborados e desejados, pois com o disfarce proporcionava ao mascarado fazer críticas do seu tempo e lugar sem ser identificado.

Na década de 1880 e primeiros anos do século atual, as ruas de Recife foram abrilhantadas por desfiles de carros alegóricos e de críticas (aos próprios desfiles), confeccionados e levados a efeito pelas sociedades carnavalescas²: *Cavalheiros da Época*, *Cavalheiros de Satanás*, *Os Filomomos*, *Nove e Meia do Arraial*, *Conspiradores Infernais* e *Fantoches do Recife* destacavam-se dentre elas.

Anos depois se popularizou o Frevo, e que hoje é uma marca do carnaval, não só de Recife, mas do nordeste todo. O Frevo é formado pela grande mescla de gêneros musicais, danças, capoeira e artesanato. É uma das mais ricas expressões

² Na metade do século 19 surgiu a primeira Grande Sociedade Carnavalesca, um clube de entretenimento fundado por pessoas da alta sociedade brasileira, que saíram em cortejo nas ruas com fantasias luxuosas. Este tipo de manifestação se tornou o principal destaque do carnaval, ocupando o lugar do entrudo nas ruas do Rio.

da inventividade e capacidade de realização popular na cultura brasileira. Na música que reinventa, na poesia que canta o ontem e o hoje, na dança que improvisa e abre espaço para o novo, tudo transgrida e, ao mesmo tempo, estabelece novas formas de participação sociocultural.

Em especial, o Carnaval de Olinda ainda preserva as tradições do carnaval de Pernambuco. Todos os anos desfilam, nas ruas e ladeiras da Cidade Alta, centenas de grupos carnavalescos e pessoas, preservando as verdadeiras tradições da festa mais famosa do Brasil. Desfilam clubes de frevos, blocos, maracatus, troças, caboclinhos, afoxés, cujas manifestações refletem a combinação de costumes e tradições de negros, brancos e índios, que formam a cultura brasileira. Dentre os elementos característicos quem compõem a folia olindense, temos os bonecos gigantes, que todos os anos são criados novos tipos, e hoje já são mais de uma centena que desfilam nas ruas da cidade. Esses bonecos são uma herança europeia e têm sua origem e inspiração nas procissões do século XIV, onde esses bonecos acompanhavam os cortejos religiosos e o famoso corso³. O primeiro boneco a sair às ruas de Olinda foi o Homem da Meia-Noite⁴, e que está presente animando a folia desde 1932.

O Carnaval de Salvador, na Bahia, é considerado uma das maiores manifestações populares do Brasil. Se notabilizou por apresentar uma vitalidade expressa na renovação contínua de suas expressões culturais, na grande mobilização da população local, na atração de turistas nacionais e estrangeiros e pela dinâmica econômica que ocorre nos dias da festa, e mesmo para além deste período. Trata-se, portanto, de um fenômeno multidimensional (social, cultural e econômico), que envolve a participação da sociedade civil, de organizações não-governamentais e dos setores público e privado, em uma convergência de esforços e de interesses que resultam em um dos maiores cases de sucesso no gênero.

Ao falar de carnavais no Brasil, é preciso mencionar a região Sudeste, mas mais especificamente, Rio de Janeiro e São Paulo. Durante este festival, o samba e

³ Os cursos de carnaval seriam a nova forma tomada no século 20 pelos cortejos ou desfiles das sociedades carnavalescas da segunda metade do século 19. Os cursos também poderiam ser entendidos como uma tropicalização das "batalhas das flores" que eram uma característica de sofisticados carnavais Europeus na virada do século 19 para o século 20, semelhantes ao carnavais que ocorriam na cidade de Nice no sul da França.

⁴ A figura do sorridente cavalheiro, envolta em mistérios e rituais próprios, é associada ao candomblé, pois foi no dia 2 de fevereiro de 1932, data dedicada a Iemanjá, que o calunga de madeira desfilou pela primeira vez na tradicional folia.

as cores pretas, referência à cultura negra do carnaval carioca, e se destacam. Com a abolição da escravidão, os escravos foram viver em lugares como Cidade Nova e Praça Onze, transformando-os em grandes centros de samba. Com a notoriedade do samba, compositores, músicos e bailarinos começaram a se unir para mostrar seus talentos, e com isso, clubes e associações foram sendo formados e começaram a competir entre si. Assim nasceram as primeiras escolas de samba, tendo o primeiro desfile oficial em 1932. Devido ao crescimento, surgiu a Associação de Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, organizando desfiles de escolas de samba durante o Carnaval carioca. Anos depois, o carnaval carioca fundiu-se com as grandes escolas de samba e então foi criado o sambódromo projetado por Oscar Niemeyer, A Passarela Professor Darcy Ribeiro, popularmente conhecida como Sambódromo, é um projeto de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer e foi implantada durante o primeiro governo fluminense de Leonel Brizola (1983-1987). Quando foi inaugurada, em 1984, a construção foi chamada de “Avenida dos Desfiles”. Esse acabou se tornando o local oficial dos desfiles das escolas de samba.

2.3 CARNAVAL EM SÃO BORJA

A Cidade de São Borja já foi e é conhecida por muitos títulos(apelidos), acontecimentos históricos, e sua própria história. Com isso, pode-se citar: primeira dos Sete povos das missões, capital do fandango, berço do trabalhismo e capital da produção. Mas a cidade gaúcha e brasileira carrega, além da sua cultura local, sua brasilidade e com isso não ficou imune à influência da festa do carnaval.

O carnaval de São Borja é uma grande mescla dos carnavais pelo Brasil a fora. Reúne elementos cariocas, paulistas e nordestinos, porém características regionais e, culturais próprias, que com o tempo foram se modificando, se emoldurando, ganhando sua própria particularidade, visibilidade e espaço.

O carnaval de outrora era comemorado em clubes, com seus bailes, conjunto e fantasias. Atualmente predominam seus blocos e QG's de carnavais. Os blocos são um grupo de pessoas que se reúnem para fazer carnaval, todos identificados com seus abadas ou camisas, que a cada ano adquirem novas cores e pessoas. Esses blocos desfilam nas ruas e às pintam, o que é praticamente uma regra nos QG's, para dizer que ali tem um bloco, um grupo que faz carnaval. A festa de carnaval na cidade tem como marco espacial o Porto da cidade, como grande palco para os que não são

sócios em clubes, que não tem blocos ou QG, mas também para blocos não filiados a clubes, ganhando ainda maiores proporção enquanto festa popular. Além disso, depois, de muito tempo, a cidade voltou a ter seus desfiles, as pequenas escolas de samba de São Borja. O Carnaval na cidade evoluiu, estando acessível para todas as esferas sociais, para todas as localidades da cidade, seja onde for, a festa é conduzida pelos principais atores que são os blocos e seus QG's. E por fim temos, não menos importante, o Concurso Regional de Músicas Apparício Silva Rillo, que faz parte das comemorações de carnaval da cidade, realizado a mais de cinquenta edições. Assim é festejado o carnaval em São Borja.

3 METODOLOGIA

Trabalhar com este objeto de estudo trouxe lembranças pessoais, pois os blocos de carnaval foram elementos do cotidiano da infância e juventude. Esses, acabaram se tornando parte do processo de socialização de vários indivíduos, pertencentes a diferentes grupos. Além da socialização, tem-se trocas de experiências e diferenças em todos os níveis de convivência.

Partindo de um pressuposto de exercício de superação do senso comum, de que os blocos servem apenas para fazer a festa de carnaval, tentamos ver os blocos de maneira diferente, conceituando-os de tal maneira a ser colocado como um agente identitário, territorial e da paisagem. São essas as categorias de análise que embasam uma análise acadêmica do tema, aprofundando a compreensão sobre o fenômeno e sua importância no cotidiano vivido e nas manifestações culturais.

Este trabalho também tem um fator bem particular, pois como dito antes, os blocos sempre se tiveram presente (em minha vida), mas fazer deles um objeto de pesquisa trouxe um pouco de inquietação e desafio. Optei por não fazer carnaval durante a pesquisa. Fora de blocos ou qualquer festa, assim tentando me colocar em posição a enxergar de outra forma toda essa esfera, pois nunca antes havia deixado de fazer o carnaval. Hoje, com a experiência passada, tenho uma visão diferenciada vendo de fora o carnaval e outra como participante.

Poder ver algo que você viveu muito tempo, com olhares mais “técnicos” é enriquecedor, porém o afastamento nos causa estranheza. Enriquecedor, porque você está estudando algo que faz parte do seu cotidiano, e estranheza por não estar fazendo, naquele momento, parte disso. E mais, por um exercício de distanciamento, de observar de uma forma distinta e então buscar entender a festividade na constituição espacial e identitária. Ultrapassar a experiência e analisar, esse foi um grande desafio.

Os procedimentos metodológicos são importantes na construção do estudo e elaboração de um trabalho, principalmente quando o mesmo necessita de aplicação em campo, a escolha da metodologia tem que ser a mais compatível possível para desenvolver seu estudo e isso dependerá do seu objeto de pesquisa. Este trabalho teve como instrumentos metodológicos utilizados, a pesquisa de campo com aplicação de roteiro de perguntas, a visita aos QG's dos blocos de carnavais e a pesquisa bibliográfica.

Inicialmente a pesquisa bibliográfica se deu utilizando autores da geografia para aprofundamento nos conceitos de território, paisagem e identidade, estes conceitos são de fundamental importância para esta pesquisa, pois instrumentalizam o olhar para ver esses locais nas perspectivas de análise da pesquisa. Outras leituras, sobre o carnaval no mundo e Brasil, também se fizeram importante para embasamento o carnaval. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo auxiliar o estudo das ideias tratadas, buscando informações, conceitos, críticas e estudos acerca do assunto, e isso se torna uma das partes mais sensíveis no processo de construção, pois requer a busca de materiais, muitas vezes limitado, de qualidade acerca do tema.

Sendo uma das partes iniciais de um trabalho, a revisão bibliográfica auxilia para saber se já tem algo estudado ou respostas para o tema desejado. Ela também auxilia na escolha dos métodos a serem utilizados para melhor desenvolver sua pesquisa. Assim conclui-se que para esse trabalho se deveria usar além da pesquisa bibliográfica, o que já faz parte dos métodos usados, a pesquisa em campo e a entrevista semiestruturada.

Feito assim a pesquisa bibliográfica, passou-se a trabalhar na elaboração do roteiro de perguntas que seria aplicado aos blocos de carnavais. Este roteiro que foi pensado de uma forma com perguntas abertas, para que o entrevistado fosse capaz de expressar, bem, seus pensamentos. Assim assumindo a forma de entrevista semiestruturada, pelo simples fato de não seguir um roteiro engessado, mas sim uma linha de raciocínio espontâneo se adaptando com o diálogo do entrevistado. Para tal, utilizou-se do telefone celular como gravador das entrevistas, que foi previamente autorizado pelos entrevistados, bem como fotos feitas com o mesmo.

A entrevista teve como roteiro as seguintes questões:

1. Como se formou o bloco?
2. Quanto tempo existe?
3. Como foi feita a escolha do QG, a localização, o porquê de ser em tal lugar?
4. Quem foram os primeiros componentes do bloco?
5. Onde o bloco faz carnaval? Clube? ou na rua(porto)?
6. O bloco faz a pintura de rua? Onde? O que determina o lugar que farão? Por que?
7. Como se entra no bloco?
8. Em que bairro é situado o bloco?

9. Qual a composição do bloco hoje? Jovens? Adultos? Terceira idade?
10. Quais características podem dizer que caracteriza a identidade do bloco? Símbolos? Lugares? Pessoas?
11. Qual a importância do bloco para o carnaval? Para a comunidade local?
12. O bloco tem alguma função social para vocês? Vocês fazem algo para fortalecer a relação entre o bloco, QG e a comunidade local?

Foram realizadas entrevistas em dois blocos de diferentes conceitos de formação. Um bloco com pessoas de mais idade, uma média de trinta e cinco a setenta anos de idade, formado há mais de 30 anos e outro composto de jovens e adultos numa faixa etária entre dezoito a quarenta e cinco anos, que já completaram 15 anos de bloco. Apesar de muito receptivos, foi bem difícil encontrar um horário para fazer a entrevista durante a festa de carnaval. Devido as suas atividades em meio ao carnaval, época em que se consegue ter os blocos mais ativos e reunidos, o primeiro contato foi via através das redes sociais, não diretamente com os responsáveis, mas com membros de ambos os blocos assim se formando uma rede de comunicação até chegar aos responsáveis.

Em ambos os blocos foram remarcados os encontros, devido a trabalho, e outros compromissos. A recepção foi amigável e em todos os momentos os blocos foram atenciosos, abertos a proposta e se mostraram de grande satisfação por terem sido contatados para participar do trabalho.

Orientado por num pequeno roteiro com doze questões abertas que davam o rumo para a entrevista, foi gravada com a utilização do telefone celular. A mesma foi aplicada com um de auxílio, afinal a proposta é fazer o entrevistado para passar informação básicas e ao mesmo tempo suas experiências e anseios sobre o tema, ou seja, o roteiro/questionário foi como um croqui predeterminado, com objetivo extrair as informações partindo do entrevistado.

4 CARNAVAL- PAISAGEM, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

4.1 PAISAGEM

Quando se dá o início das reflexões sobre paisagem, tem-se um conceito da geografia. A geografia tem conceitos para interpretar o mundo e, assim como paisagem, tem-se também lugar, região ou espaço. Em relação a paisagem, não é raro essa ser adjetivada como natural ou geográfica. Que ela é uma porção do espaço terrestre em que se pode perceber com os sentidos.

Para SANTOS;

Todos os espaços são geográficos porque determinados pelo movimento da sociedade, da produção. Mas tanto a paisagem como o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos (SANTOS, 1998. p.67.)

Em suma, Santos traz a importância do estudo da paisagem, não separada dos elementos que a compõem, mas articula todos seus elementos, sejam eles naturais, culturais, humanizados ou sensoriais. Para o objetivo deste trabalho, o foco é na questão da paisagem geográfica e para isso, o texto tem como embasamentos contribuições de Milton Santos e de Marcelo Lopes de Souza.

A paisagem está presente no nosso dia a dia, constantemente em nosso cotidiano, em todos os espaços a nossa volta. Quando saímos de casa percebemos uma paisagem, assim como no caminho para o trabalho, para o supermercado ou simplesmente para um passeio, caminhada ou pedalada, onde a todo o momento percebemos conteúdos e movimentos na paisagem, seja um amanhecer, um campo florido, uma plantação, cidades, uma fábrica, uma área comercial, enfim tudo o que possamos observar ao nosso redor. Mas, falando geograficamente, o que é Paisagem?

A paisagem segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos é, “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem (...). É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. (SANTOS, 1998.p.67.)

A partir deste conceito trazido por Santos, pode-se dizer que a paisagem, de um modo geral, é a forma espacial que se nos apresenta em primeira instância, quando chegamos a um determinado espaço, lugar ou região. Tem elementos visuais, naturais, culturais, humanizados e sensoriais, tais como: cores, sons, odores ou

movimentos, sendo assim pressupostos tanto a objetividade quanto a subjetividade.

Já segundo Marcelo Lopes Souza

A paisagem é uma forma, uma aparência. O conteúdo “por trás” da paisagem pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela, por hábito ou ideologia, nos “sugere”. Uma paisagem meio “bucólica”, dominada pelo verde de matas residuais ou mesmo de pastos com algumas cabeças de gado, em uma “franja rural-urbana (também chamada de espaço periurbano – mas não confundir com o conceito de periferia urbana propriamente dito) parece indicar que estamos em presença de um espaço rural. Porém, será assim mesmo? O olhar pode não revelar, mas uma pesquisa baseada em entrevistas (ou distribuição de questionários) e consultas a documentos diversos poderá revelar que, apesar das aparências, a lógica de uso do solo é, há bastante tempo, urbana. O pasto pode ser nada mais que um verniz de ruralidade, para justificar o pagamento de Imposto Territorial Rural (ITR), muito mais barato que o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Umas poucas cabeças de gado, vastas extensões incultas, abandonadas ao mato: terras em “pousio social”, como gostava de dizer o geógrafo brasileiro Orlando Valverde [...]. Em suma: terrenos mantidos como reserva de valor, objeto de especulação. (SOUZA, 2015. p. 46-47.)

Para Souza (2015), a paisagem tem a função de uma cortina que serve para ocultar a realidade ao invés de revelá-la, e que para desvendá-la na paisagem, como forma, que é aparente, e por trás dela existe todo um conjunto social, o qual lhe dá significado a sua essência. Dito isto quebra-se o tabu do senso comum que a maioria das pessoas tem sobre paisagem, dela ser apenas algo visual, e passamos a entender toda sua complexidade, o que tem depois dela, a paisagem além da paisagem e suas interações. A paisagem no período do carnaval é uma de exceção, pois sofre uma série de transformações, trazendo outros elementos visuais além do cotidiano, que dizem respeito a festa popular e em especial a nossa característica fronteiriça.

4.2 TERRITORIO

O Território é um dos principais conceitos utilizados Geografia, pois liga-se diretamente aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Sua definição mais comum o relaciona ao espaço apropriado e delimitado a partir de relações de poder.

Inicialmente o debate sobre o território surgiu na geografia Política do século XIX, considerando que nesse período estavam ocorrendo as consolidações dos Estados-Nações, onde a ideia de território era “como um espaço de poder demarcado, controlado e governado e, assim, fixo” (SILVA, 2009, p. 100).

Já Ratzel se referia ao território com baseado no físico-natural do Estado-Nação. Assim tratando o território com uma população, fronteira, demarcações regionais, recursos naturais, etc., que vem a ser a base para a constituição de uma Nação e fortalecimento do Estado. Com isso, Ratzel (MORAES,1990) se referia a um desenvolvimento que dependeria da manutenção e conquista de novos territórios, o que seriam afirmados como “espaços vitais”. Assim esse controle e manutenção de território torna-se um fator fundamental na constituição de um Estado:

(...) espaço e território não são termos equivalentes [...]. É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintomático (ator que realiza um programa) em qualquer nível (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Nota-se que o território em si, não é simplesmente um espaço, mas sim um espaço onde há um ator que realiza uma ação conforme seus interesses. “Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.143). Assim, com essa apropriação, o autor destaca a relação de poder como aspecto fundamental para se entender o território, o mesmo sendo concretizado por atores ou grupos, pois sem eles não se tem a definição de território.

Souza (2000) considera que Raffestin (1993) faz a redução do espaço ao espaço natural enquanto o território em si molda-se automaticamente quase como um sinônimo de espaço social.

(...) sem dúvida sempre que houve homens em interação com o espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território e não só de um espaço econômico; [no entanto] é inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém (SOUZA, 2000, p. 96).

Assim, para Souza (2000), a principal questão, quando se discute sobre território, não é as suas características físicas, geológicas ou seus recursos naturais, ou ainda as ligações afetiva e de identidade de um grupo com o espaço, mas que o “mais o verdadeiro Leitmotiv é o seguinte: quem domina ou influencia e como domina ou influencia este espaço” (p. 78-79). Com isso, podemos afirmar a clareza de que as relações de poder se estabelecem como elemento central na definição de território.

Quando falamos em poder, não estamos nos referindo apenas ao poder de

guerra, de violência, mas é um poder vinculado a manifestação de determinado grupo e sua identidade naquele espaço, e com isso pode-se conjugar as ideias de poder – e, por extensão, território e, na concepção de Souza, autonomia.

A cerca do poder, segundo Hannah ARENDT conceituou:

“O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo numero de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, ‘o seu poder’ também desaparece” (ARENDR, 1985, p.24).

Para fins de exemplificar a citação acima, temos os QG’s do blocos de carnaval que tentam demarcar os seus territórios a partir da suas manifestações em relação a festa, sejam elas, pinturas, música, corpo(corporeidade), fazendo-se assim presente, propondo seus limites, até onde suas ações tendem a ter influência sobre o determinado espaço. Desta forma, caracterizam e impõem seus territórios, criando sua territorialidade (de acordo com sua temporalidade), bem como elegendo seus símbolos, enaltecendo sua identidade e seu representantes. Com isso podemos dizer que o território é o espaço e as ações exercidas nele compõe a territorialidade. Seguindo a citação acima e o exemplo dos QG’s, temos então a intenção de ampliar a ideia de poder e ao mesmo tempo liberta-la da confusão com a violência.

Enfim para SOUZA (2000) o território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder” (p. 78). O autor deixa claro a relação, a qual o território se forma a partir das relações de poder que estão presentes naquele espaço, e que essas relações de poder não são de violência, mas está relacionada a alguém, ou a um grupo que domina ou influencia esse espaço.

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p.ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada do Tratando do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Não obstante essa riqueza de situações, não apenas o senso comum, mas também a maior parte da literatura científica, tradicionalmente restringiu o conceito de território à sua forma mais grandiloquente e carregada de carga ideológica: o “território nacional”.” (SOUZA 2000, p.81)

A citação acima traz o esclarecimento que território não é apenas o do território nacional e que, sim, pode ser território o que é utilizado pelos QG's, marcado pela territorialidade desses atores. Também não é permanente, mas que diz respeito ao momento da festa do carnaval. Assim que a festa do carnaval termina, essa territorialidade e suas marcas vão desaparecendo. Com isso, temos o território em diferentes escalas e temporalidades. Nessa perspectiva, pode-se enquadrar os QG's nessa questão, como exemplo de território.

Os QG's demarcam seus territórios a partir de suas manifestações em relação, a festa, sejam elas, pinturas de identificação, música, corpo(corporeidade) e símbolos, fazendo-se assim presente, propondo seus limites até onde suas ações tendem a ter influência sobre o determinado espaço, assim caracterizando e impondo sua territorialidade.

4.3 IDENTIDADE

Tomas Tadeu da Silva traz a identidade como aquilo que ela é, porém ao mesmo tempo nega a existência de ser outra coisa, logo se você afirmar ser brasileiro, quer dizer que não é argentino, não é inglês ou africano, ou seja, esta afirmação é para não descrever a imensa gama de negações de identidades ou diferenças. Isso só é possível com a simplificação da gramática. Nesse ponto de vista, a identidade e a diferença são dependentes, e estão intimamente ligadas assim como diz o autor:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014 p. 76)

Quando se fala que a identidade e a diferença devem ser produzidas, isto é, criados por atos de linguagem que saem do dia a dia, dos fatos de vida, assim esquecendo que a diferença e a identidade devem ser nomeadas individualmente, e só assim as instituímos como elas são, identidade tem como referência a si própria

enquanto a diferença é aquilo que o outro é.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2014 p.81)

A identidade e a diferença têm o poder de definir algo. Estas são o resultado de um processo de produção discursivo e simbólico, elas são uma relação social, elas se manifestam dentro dessas relações no dia a dia, isso significa que ela está sujeita às relações de poder e as relações sociais. Assim como explica Tadeu:

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: "essa é a identidade", "a identidade é isso". É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. (SILVA, 2014 p.91).

No processo discursivo e simbólico da representação a identidade ganha sentido e adquire poder, onde representar é dizer que "identidade é isso ou aquilo". Logo, quem tem, quem pode representar e definir a identidade, esse mesmo tem o poder. Por isso a importância da representação em meio a identidade. Para Tomaz da Silva, a questão envolve, fundamentalmente, as relações de poder (FOUCAULT, 1977), na qual "a identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com a disputa em torno dessa atribuição" (SILVA, 2014, p. 96).

Segundo Katheryn Woodward:

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumir-se como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. (WOODWARD, 2014, p. 56).

Assim as identidades podem adquirir sentido por meio da linguagem e de sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, assim sendo relacional, ou seja, sempre relativo a algo externo, a algo que ela não é. Assim sendo, a identidade,

marcada por meio de símbolos, de objetos que à reconheçam como elemento de sua identidade.

5 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 OS GTS EM SÃO BORJA

O carnaval move milhares de pessoas por todo o país. Porém, existem sim organizações para acontecer a festa, seja ela feita pelas organizações responsáveis ou pelo próprio folião. Os blocos de carnaval compõem, especialmente em São Borja, a principal parte dos foliões que se organizam para a festa, e é sobre eles que vamos falar.

Os blocos de carnaval geralmente se organizam com uma diretoria, tendo nela cargos para organização. Esses cargos são parecidos como os de uma associação qualquer, e tem a função de manter o bloco em sincronia. Geralmente os cargos mais comuns são o de presidente, tesoureiro e secretário, e com eles a frente do bloco, fazem-se a gerência deste grupo e de suas atividades durante o ano. É comum também a realização de reuniões nos blocos para decidir assuntos de interesses de todos, como por exemplo, onde fazer o carnaval, se será em clube ou no porto, especialmente em São Borja, ou em outra cidade, também sobre os abadá, as cores, e não menos importantes a localização do QG e sua decoração.

Não podemos esquecer que cada bloco tem seu QG, que é um dos locais em que eles se concentram e festejam, é como se fosse seu quartel general. O QG dá mais visibilidade ao bloco e constitui um ponto de encontro para cada início de festa, suas reuniões, ou qualquer outra atividade atrelada ao bloco. Sua escolha parte do pressuposto em que todos estejam de acordo com o local, seja de fácil acesso e de ser um local onde se possa fazer a festa sem problemas. O QG tem que ser decorado, identificado e geralmente ao seu redor, e quando falamos isso estamos nos referindo às ruas que são pintadas com o nome do bloco e seus integrantes.

Dito isto, fomos a campo para trazer e ter uma visão mais próxima da realidade, junto a dois blocos da cidade, situados no bairro do Passo, contando desde sua criação até os dias de hoje, e isso se tornou imprescindível para compreensão do nosso trabalho, pois quanto mais se trazer a realidade para junto da teoria melhor e mais claro ficará nossa compreensão. Os blocos que foram ouvidos foram o Águias da Esperança e Tá na Mira, dois grupos de pessoas de gerações diferentes que fazem a mesma festa por muitos anos.

5.2 BLOCOS E QG'S

Apesar de existirem vários blocos de carnaval e vários QG's, e que não apenas os blocos fazem carnaval, mas toda a população que opta em fazer, escolhemos apenas 2 blocos para fazer o trabalho. Os dois QG's visitados foram os dos blocos Águias da Esperança e do bloco Tá na Mira. Com essa visita, queríamos conhecer mais a fundo nosso objeto de pesquisa. E com isso obter informações necessárias para nosso estudo.

Fundado em 1987, os Águias da Esperança, hoje com mais de 33 anos de história, teve seu início em um ponto comum, o qual todos os membros fundadores participavam e mantinham contato: a igreja. Já o bloco Tá na Mira, foi fundado no ano de 2007, hoje com 15 anos, surgindo a partir de um grupo de amigos e colegas de escola, que eram bem conhecidos uns dos outros. Nesse grupo de amigos já existiam alguns que faziam carnaval em outros blocos, e que no final, pela convivência, decidiram fundar um novo.

O Águias, logo depois da sua fundação, que se deu praticamente por duas famílias de sobrenome Lopes e Martins, ambas assíduas praticantes e atuantes na igreja católica matriz do bairro do Passo, onde era comum ambas famílias se encontrarem aos domingos. Teve como seu primeiro QG uma pequena garagem onde se tinha um Grupo e família, este atrelado à igreja católica, porém, o lugar era muito pequeno para comportar todos os integrantes e logo depois mudou-se para casa do senhor Maneco (como era conhecido) e da dona Marisa, casal até então, que fazia parte do bloco. Este lugar comportou o QG por muitos anos, e hoje é na casa da dona Rosemara atual presidente dos Águias. O Bloco Águias da Esperança carrega como símbolo em seus estandartes uma águia, as cores são mudadas todos os anos de acordo com a escolha feita em reunião com os integrantes do bloco.

Após a criação do bloco Tá na Mira, ele teve seu QG por 14 anos no mesmo local, pois era mais próximo ao porto da cidade, local em que o bloco fazia seu carnaval, e também por não pagarem aluguel. O bloco Ta na Mira teve como símbolo, nos primeiros anos, o desenho de um alvo, hoje não mais, o principal símbolo do bloco estampado na bandeira, camisetas e estandarte é uma coroa. Assim como o Águias, ambos os QGs eram residências de integrantes do grupo. Vale ressaltar que ambos os QG tinham nesses espaços suas festas de carnaval, até o momento em que os blocos saíram para fazer a festa, dar continuidade, em outros locais: os Águias no

Clube Fraternidade (nessa época eles visitavam outros clubes) e o Tá na Mira no Porto. Anos depois o Águias começou a fazer carnaval no porto e o Tá na Mira indo fazer carnaval também na cidade de Jaguari.

Uma das práticas comuns dos blocos é o ato de pintar as ruas que dão acesso ao QG. Ambos praticavam essa ação, tanto próximo dos QG's, quanto próximo ao porto ou em frente ao clube. Isto servia para dar mais visibilidade ao bloco, como se fosse algo para deixar marcado que ali era um lugar onde o bloco estava presente, comparecendo, local onde o bloco fazia sua festa, como uma extensão do seu QG. Assinala a identidade territorial do grupo. Essa pratica se mantém até os dias de hoje. Ambos os QG's estão situados no bairro do Passo da cidade de São Borja.

Nas duas trajetórias ambos os blocos foram atuantes em suas comunidades, já foram protagonistas em ações sociais no passado, como bingos beneficentes (Águias), arrecadação e distribuição de cestas básicas, brinquedo e agasalho (Águias e Tá na mira) e ajuda a Associação dos Colaboradores e Protetores dos Animais de São Borja - ACOPASB (Tá na Mira).

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

Disto isso passamos a analisar os dados obtidos, articulando-os com a bibliografia usada sobre território, paisagem e identidade. A partir do conceito de território e/ou territorialidade, podemos destacar algumas questões como: a localização dos QG's e a pintura das ruas e a partir daí analisar essas ações junto à teoria.

Como citado antes, essas pinturas de ruas geralmente são feitas próximo aos locais os quais está situado o QG do bloco, e também ao local ou região em que o bloco faz carnaval. Geralmente feitas pelos próprios componentes do bloco, pintam seus símbolos, nome do bloco e dos seus membros, quando próximas ao QG, essas pinturas podem ser também setas que levam até o QG. Temos, então, um fator de construção de território e da identidade do grupo – naquele espaço utilizado – pelos blocos durante a festa do carnaval, pois naquele local definido, delimitado e identificado pelas pinturas há presença de uma relação de poder dos indivíduos sobre o espaço e que, curiosamente, geralmente não sofre contestações de outros blocos e QG's.

Quanto à paisagem, atrelada aos QG's, percebe-se que está intimamente ligada ao espaço territorializado pelos blocos e seu QG's. Como falamos sobre as pinturas (Figuras 1, 2 e 3) e decoração do QG, feita pelos componentes dos blocos, e também podemos citar sala de clubes, o próprio porto e as ruas, que são locais espaços que são transformados durante a festa, e podemos ir além, por exemplo no centro da cidade, no qual várias lojas fazem alusão ao carnaval enfeitando suas vitrines. Porém, até então falamos sobre exemplos que podem ser materializados, visíveis. Mas existe também a parte que vai além daquilo que tangível, não são somente volumes, mas também movimentos, sons, odores etc.

Figura 1 - Pintura de rua próximo ao QG do bloco Tá na Mira



Fonte: Página do bloco no facebook

Essas paisagens revelam os territórios e as identidades do carnaval. Podemos dizer que se cria uma toda uma atmosfera de carnaval, que possa sentir que é a festa popular, pois tanto a rua, clube e QG, são lugares os quais sua paisagem é transformada durante a festa. A música de seus aparelhos, dos mais variados estilos, que outrora não tocava com tanta intensidade, no carnaval ganha forma e representatividade, pois é música do carnaval, o próprio ato de dançar toma o espaço que era da garagem, que era de sentar e conversar com amigos, o teto ou forro, o

QG se destaca das demais casas ao seu redor, os corpos ganham mais espontaneidade, liberdade da rotina diária, ganham fantasias, maquiagem, brilho e cores, sons e tudo isso faz parte da paisagem.

Ainda fazendo uma análise paradoxal acerca do tema discutido, não menos importante para a criação dos QG's e dos blocos, tragamos agora um a discussão da identidade. Queremos esclarecer como se dá a relação do conceito de identidade nos blocos de carnaval e seus QG's, quais são as características que nos remetem a entender eles como algo identitário, quais seus símbolos, representação e as diferenças.

Figura 2 - Pinturas de blocos de carnaval, nas ruas do centro da cidade, nas proximidades do Clube Comercial.



Fonte: Acervo do autor

Figura 3- Pintura das ruas próximas ao Clube Comercial.



Fonte: Página do bloco no facebook

Porém, não são apenas as pinturas que agem como elementos de territorialização, o próprio QG exerce influência ao seu redor, aí então temos uma amostra de como se apresenta novamente a questão da territorialidade, que vai se dar através de elementos que atuam como difusores da ação do sujeito, até onde eles vão ou alcance da música. A territorialidade e a paisagem se transformam com a presença das identidades dos grupos em sua folia. Abaixo imagens do QG Águias da Esperança e do QG do bloco.

Figura 4 – Fotos do QG do bloco Águias da Esperança



Fonte: Página do bloco no facebook

Figura 5 – Frente do antigo QG's do bloco Águias da Esperança



Fonte: Página do bloco no facebook

Como já argumentado, as identidades são construídas nas marcações das diferenças, por e nos processos de produção de significação, de sistemas simbólicos e aí, logo a identidade não é o oposto da diferença, mas depende dela para existir, assim como ela é relacional, ou seja, uma identidade necessita de outra para existir, uma identidade que não é, mas fornece as condições para essa existir.

Trazendo isso tudo na prática podemos dar um exemplo mais palpável de como se dão essas relações. Foram estudados dois grupos de pessoas, as quais participam da mesma festa popular, porém, são dois grupos distintos, desde sua forma de festejar, quanto a forma que ambos se veem representados, identificados em seus QG's.

As identidades adquirem sentido por meio da linguagem e de sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, sejam as cores, o estandarte, bandeira, o nome ou qualquer outro símbolo, de objetos que se reconheçam como sendo elementos de suas identidades, e é aqui vemos a questão simbólica, porém aquele espaço no qual o indivíduo se identifica é também um espaço de luta e afirmação da sua identidade. Abaixo imagem da construção identitária do bloco Águias da Esperança.

Figura 6 – Estandarte do bloco Águias da Esperança



Fonte: Página da rede social do bloco no facebook

Figura 7 – Bandeira do bloco Tá na Mira



Fonte: Página da rede social do bloco no facebook

Em ambos os QG's visitados, observou-se uma relação muito forte com a questão de se identificar como parte do mesmo. Houve sempre grande ênfase em afirmar que tal grupo(pessoas) tem algo com o que me identifico, algum símbolo, que talvez, me represente num determinado grupo e não em outro, o que nos remete à necessidade da diferença para a identidade, e também, porque não, envolve um sistema classificatório que nos mostra como as relações sociais são organizadas e divididas. Nós e eles. Então temos a concordância de que as identidades são produzidas por processos de significação, sistemas simbólicos, sociais e diferença, e que estão intimamente ligadas e presentes dentro dos QG's, desde sua formação até o simples fato de fazer a festa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, consideramos que ele apresenta uma tentativa de deixar mais claro a relação entre teoria e a realidade, uma vez que isso parece mais difícil de se fazer a relação e identificar esses elementos no nosso cotidiano. Contudo, ponderamos que esta pesquisa apresenta aspectos relativos ao tema proposto para estudo, que neste caso era identificar a presenças dos conceitos e como ele se apresentam nos blocos e em seus QG's, durante o carnaval, conceitos de território, paisagem e identidade, que embora sejam claros aos olhos de quem os lê, carregam uma imensa gama de complexidades, que podem ser traduzidas desde as mais difíceis às mais simples ações dos indivíduos no dia a dia.

Levando em consideração esses fatos o trabalho permitiu alcançarmos com êxito a finalização deste estudo, conseguimos observar na prática a teoria estudada, dando a cada passo mais sentido ao objeto estudado, dando significado a toda a bagagem teórica levantada para a pesquisa. Sendo assim, foram alcançados os objetivos propostos, conseguimos relacionar, identificar e observar os conceitos de território, paisagem e identidade, e suas transformações e diferenças, com clareza nos QG's, nos blocos e também nas pessoas que fazem parte destes grupos, que era o grande propósito deste estudo, contudo consideramos que existam muitos outros aspectos a serem considerados para aprofundar ainda mais estes conceitos e outros que podem ainda se ligar a este tema. Por fim fazer resgate da história do carnaval, a formação dos blocos, e de seus QG's, foi de grande valia para o crescimento individual e a maturação do pesquisador que existe em cada um de nós.

Percebeu-se a intensa relação entre transformação da paisagem em um contexto temporário em que o local adquire identidade de grupo a partir da marcação no asfalto, do som, dos corpos, caracterizando o território do QG. São manifestações particulares de São Borja, que caracterizam uma das expressões culturais do município e revela com isso a diversidade da cultura. O Carnaval é uma festa que tem expressões regionais e locais, assim, buscou-se aqui traçar compreensões dessa expressão local e com isso contribuir não apenas com o conhecimento das culturas da cidade, mas também acrescentar esse conhecimento sobre a festa popular no contexto nacional.

REFERÊNCIAS

ALVITO, Marcos. *Samba*. **Revista de história da Biblioteca Nacional**. Ano 9. nº 97. Outubro, 2013. p 80

AMORIM, Maria Alice (2014), **Patrimônios Vivos de Pernambuco**; 2. ed. Recife: FUNDARPE Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

ARAÚJO, Hiram. **Carnaval: Seis Milênios de História**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Gryphus, 2003.

_____, Hiram. *A Cartilha Das Escolas De Samba*. 1ª. Ed., Rio de Janeiro, Clube de Autores, 2012.

ARENDT, Hannah (1985/1969). **Da violência**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 6ª ed.

FERNANDES, Nóbrega Nelson, *Escolas de samba: Sujeitos celebrantes e Objetos celebrados*, 2001.

FERREIRA, F. (2004). *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.

HEERS, J. **Festa de loucos e carnavais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

MORAES, Eneida, *História do carnaval carioca*, Record, 1987.

MORAES, A. Ratzel: *Geografia*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986. Série Princípios.

SILVA, C. H. Território: uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de ação social. **Revista Geografar**. v.4, n.1, p.87-115, jan/jun. 2009. Disponível em: < www.ser.ufpr.br/geografar >. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Suart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná, E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.